

Cobi de Baixo, um bairro onde imperam a prostituição, a fome e a violência

Habitando em barracos fincados sobre o mangue que separa os municípios de Vila Velha e Cariacica, a comunidade de Cobi de Baixo reúne problemas que se constituem na expressão característica dos conflitos sociais manifestados na numerosa população pobre da Grande Vitória; prostituição, violência, subnutrição, doenças, desemprego, e espécies de fenômenos próprios da marginalização.

São centenas de barracos. Todavia, são poucos os proprietários, que ficam até seis meses ajuntando pedaços de madeira, que descem durante as enxurradas que se abatem sobre Cobi de Cima. O comerciante Josué Portela possui, em Cobi de Baixo, sete barracos, e os aluga a Cr\$ 250,00 cada cômodo. Por isso, os sete barracos do comerciante — dono da mercearia do bairro — são habitados por mais de sete famílias, que utilizam um banheiro comum: é um "quartinho", que mede um metro quadrado e possui uma abertura redonda no chão.

Uma outra proprietária é Maria Aparecida. Esta é empregada doméstica no centro de Vitória e aluga cinco barracos armados também dentro do mangue que como todos os outros, são resultados de uma invasão iniciada há cerca de oito anos. O banheiro único para todos os seus inquilinos, está em piores condições: não possui chave, o que já foi motivo de muitas brigas entre os moradores reunidos em barracos de outros locais.

PROSTITUIÇÃO

— Aqui a maioria das mulheres fazem a vida no bar do "Tião", lá no Parque Moscoso, disse uma mulher de 39 anos, mãe de dois filhos. Segundo ela, algumas moradoras têm emprego "honesto" mas, contudo, precisam "tirar algum dinheirinho por fora, para viver". Constrangida por fazer aquelas revelações, ela adiantou: "Atualmente eu estou indo pro bar do "Tião" apenas uma vez por semana, porque estou com uma filha de nove anos e não quero dar mau exemplo".

Eva Pedreira, outra moradora, informou que Cobi de Baixo é local de muitas brigas entre mães que já foram prostitutas e filhas que ingressam na atividade. Declarando que não gostaria de citar nomes, Eva afirmou que num determinado barraco "o pau quebra"

quando algum rapaz vai procurar uma jovem mulher lá residente: — A mãe dela já foi a delegacia de São Torquato — a mais próxima — várias vezes, dar queixa dos namoros, porque a menina está sempre aparecendo em casa com dinheiro.

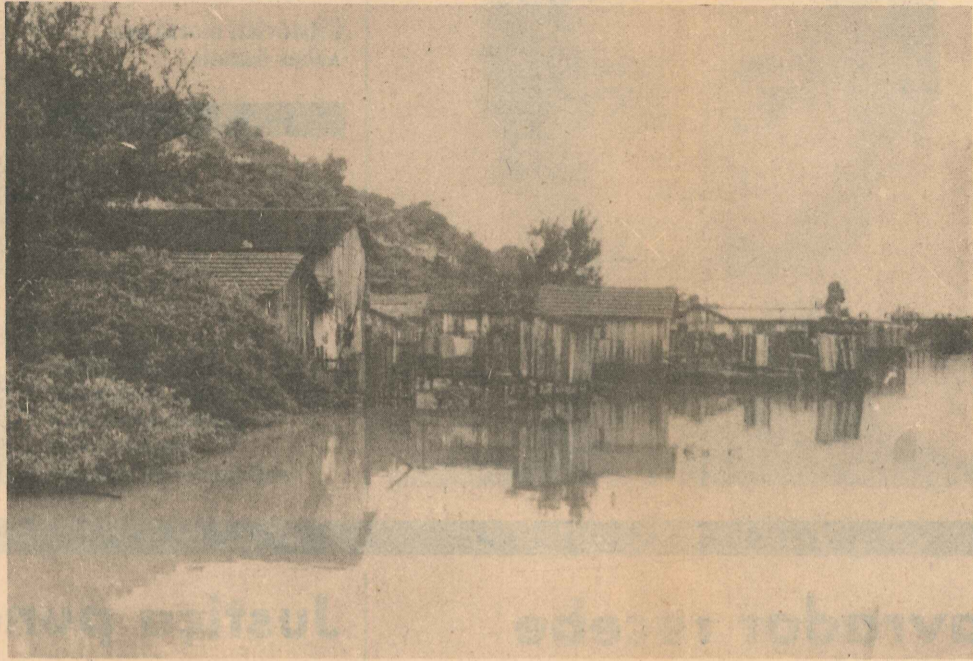
VIOLÊNCIA

A violência verifica-se com maior intensidade por questões que envolvem o ciúme. A mulheres de Cobi de Baixo não sabem como enfrentar os homens que frequentam o lugar; quase sempre à noite, e "atrás das prostitutas" que os recebem servindo cachaça. Ontem, por exemplo, dona Jovercina disse que quase foi morta por uma pedrada arremessada por "um cabeludo conhecido por Valdecir". De acordo com ela, o rapaz andou espalhando que sustentava sua filha — o que não é verdade, pois é do meu bolso que sai todo dinheiro para a garota. Sei que ele é um marginal — acrescentou — e não quero marginais rodeando a minha filha.

As mulheres informaram que os "marginais só chegam à noite: — Durante o dia eles ficam dormindo numa gruta atrás da caixa d'água da Cesan e é por isso que a Polícia nunca pega ninguém. Querendo o anonimato, por temerem represálias, moradoras do Cobi de Baixo denunciaram a existência de "dezenas de marginais" que são vistos cheirando cola de sapateiro: — A culpa é daquelas mulheres que trazem os homens para cá, ao invés de ir fazer a vida lá na cidade", disse uma delas.

POBREZA

— As crianças estão cheias de vermes e nunca se viu uma assistente social por aqui, disse Glória Manfessoni, funcionária do comitê eleitoral do ex-deputado Argilano Dario. Dá mais "maruí" do que tudo, declarou ela referindo-se aos mosquitos, que à



Visão parcial de Cobi de Baixo, com suas casas sobre palafitas, que frequentemente precisam ser reconstruídas porque afundam gradualmente

noite picaram-lhe o corpo. Por isto uma de suas pernas inflamou, inchando. Glória queixa-se da lama que desce com as chuvas e se mistura com a água suja do mangue, que, nestas ocasiões, sobe até meio metro. A maioria dos barracos tem de ser desmanchados e refeitos uma vez por ano, em função de seus aprofundamentos mangue a dentro, causados pela falta de resistência do solo.

Iraide, de 29 anos, mora, com seus cinco filhos e o companheiro, no interior de um cômodo de 4 metros quadrado. Procedente do Ceará, a família não tem nem o seguro do INPS, devido à condição de desemprego do casal. Um fogão e uma cama são os móveis do cômodo. Ali, o garoto Expedito, de oito anos, sempre chega ferido com os tropeções que leva por causa da miopia, que nunca foi medicada. Ontem, aquela família alimentou-se de feijão e arroz: — O pai das crianças resolveu deixar,

na semana passada, Cr\$ 200,00 para comprar comida, disse Iraide, depois de informar que passa fome enquanto o marido gasta todo o dinheiro no jogo.

— Hoje eu e meus dois filhos só comemos leite com pão, porque eu não estava a fim de fazer almoço, afirmou Dalmira Pareira, confessando em seguida: — Também não tinha nada para comer mesmo. Com essa falta de dinheiro, ninguém aguenta, observou ela. Dalmira disse ainda que vive sem homem e não pode trabalhar por causa das crianças: — Olha bem, esse menino aqui — Welinton, de seis anos — não me dá sossego. Tive de dar várias coças de chicote nele, para ele parar de pegar xexéu. O "xexéu" a que se refere Dalmira é uma espécie de caranguejo que dá no mangue, onde o menino se banhava junto com os outros garotos de Cobi de Baixo.

No mangue, podem ser vistos pedaços de madeira flutuando. Submersos estão pedaços de

vidros, latas e todo lixo que desce com a chuva. O barulho de crianças brincando só é ouvido durante as chuvas. Nestas ocasiões, as crianças se divertem caminhando no sentido contrário às lamas que descem em correntes, depois de transbordar a Avenida Brasil, às margens de Cobi de Baixo.

A moradora Glória Manfessoni informou que o maior fluxo da invasão de Cobi de Baixo verificou-se quando o Governo anunciou que a área iria ser desapropriada para as obras da segunda ponte. De acordo com ela, naquela oportunidade muita gente foi morar em Cobi de Baixo para ganhar a indenização: — Só de Itaguaçu vieram três famílias, que sonhavam com as casas que seriam doadas a quem estivesse habitando nos locais onde iriam passar os acessos da segunda ponte.

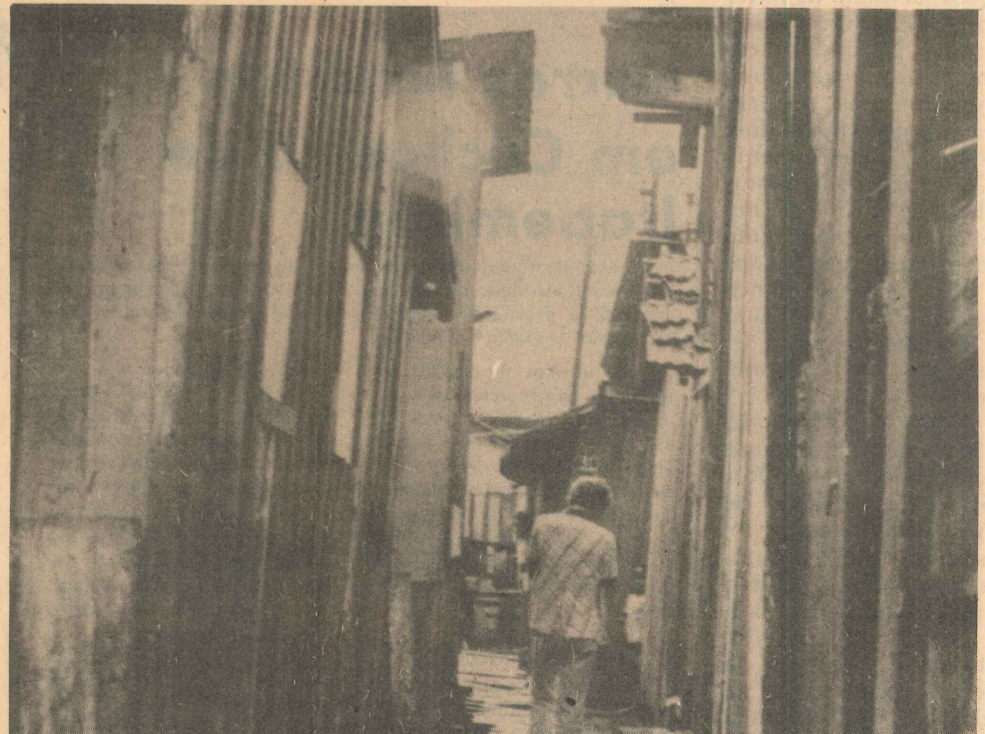
Glória falou também que alguns moradores ainda mantêm a expectativa da desapropriação, só para serem benefi-

ciados com as anunciadas casas. Como um complexo de barracos dispostos em cima de uma plataforma de madeira velha, o bairro tem seus habitantes convivendo promiscuamente. Entretanto, eles se conhecem há pouco tempo, uma vez que são procedentes de reigões diferentes, na maioria das vezes. É essa ausência de uma identidade cultural que dificulta a organização para reivindicação comum, apesar de partilharem dos mesmos problemas, fundamentalmente.

Na chegada da reportagem, alguém gritou: — Deixa a gente com as nossas misérias. Não coloquem nada no jornal porque senão eles tiram a gente daqui e nós não temos para onde ir e, também, tá tudo muito bom por aqui. A voz foi interrompida por um outro grito: desta vez, era uma criança que havia escorregado no pontilhão que interliga os barracos, quase todos com energia elétrica e pequenos reservatórios de água.

Embaixo desta passarela, que funciona como rua, está o mangue, que recebe todos os detritos de Cobi de Cima e Cobi de Baixo

Diferentes famílias convivem, promiscuamente, num mesmo barraco, cujos cômodos são alugados por Cr\$ 250,00 cada.



loenças, desemprego, e espécies de fenômenos próprios da marginalização.

A117912

São centenas de barracos. Todavia, são poucos os proprietários, que ficam até seis meses juntando pedaços de madeira, que descem durante as enxurradas que se abatem sobre Cobi de Cima. O comerciante Josué Portela possui, em Cobi de Baixo, sete barracos, e os aluga a Cr\$ 250,00 cada cômodo. Por isso, os sete barracos do comerciante — dono da mercearia do bairro — são habitados por mais de sete famílias, que utilizam um banheiro comum: é um "quartinho", que mede um metro quadrado e possui uma abertura redonda no chão.

Uma outra proprietária é Maria Aparecida. Esta é empregada doméstica no centro de Vitória e aluga cinco barracos armados também dentro do mangue que como todos os outros, são resultados de uma invasão iniciada há cerca de oito anos. O banheiro único para todos os seus inquilinos, está em piores condições: não possuiu chave, o que já foi motivo de muitas brigas entre os moradores reunidos em barracos de outros locais.

PROSTITUIÇÃO

— Aqui a maioria das mulheres fazem a vida no bar do "Tião", lá no Parque Moscoso, disse uma mulher de 39 anos, mãe de dois filhos. Segundo ela, algumas moradoras têm emprego "honesto" mas, contudo, precisam "tirar algum dinheirinho por fora, para viver". Constrangida por fazer aquelas revelações, ela adiantou: "Atualmente eu estou indo pro bar do "Tião" apenas uma vez por semana, porque estou com uma filha de nove anos e não quero dar mau exemplo".

Eva Pedreira, outra moradora, informou que Cobi de Baixo é local de muitas brigas entre mães que já foram prostitutas e filhas que ingressam na atividade. Declarando que não gostaria de citar nomes, Eva afirmou que num determinado barraco "o pau quebra"

quando algum rapaz vai procurar uma jovem mulher lá residente: — A mãe dela já foi a delegacia de São Torquato — a mais próxima — várias vezes, dar queixa dos namoros, porque a menina está sempre aparecendo em casa com dinheiro.

VIOLÊNCIA

A violência verifica-se com maior intensidade por questões que envolvem o ciúme. A mulher de Cobi de Baixo não sabem como enfrentar os homens que frequentam o lugar; quase sempre à noite, e "atrás das prostitutas" que os recebem servindo cachaça. Ontem, por exemplo, dona Jovercina disse que quase foi morta por uma pedrada arremessada por "um cabeludo conhecido por Valdecir". De acordo com ela, o rapaz andou espalhando que sustentava sua filha — o que não é verdade, pois é do meu bolso que sai todo dinheiro para a garota. Sei que ele é um marginal — acrescentou — e não quero marginais rodeando a minha filha.

As mulheres informaram que os "marginais só chegam à noite: — Durante o dia eles ficam dormindo numa gruta atrás da caixa d'água da Cesan e é por isso que a Polícia nunca pega ninguém. Querendo o anonimato, por temerem represálias, moradoras do Cobi de Baixo denunciaram a existência de "dezenas de marginais" que são vistos cheirando cola de sapateiro: — A culpa é daquelas mulheres que trazem os homens para cá, ao invés de ir fazer a vida lá na cidade", disse uma delas.

POBREZA

— As crianças estão cheias de vermes e nunca se viu uma assistente social por aqui, disse Glória Manffessoni, funcionária do comitê eleitoral do ex-deputado Argilano Dario. Dá mais "maruí" do que tudo, declarou ela referindo-se aos mosquitos, que à



Visão parcial de Cobi de Baixo, com suas casas sobre palafitas, que frequentemente precisam ser reconstruídas porque afundam gradualmente

noite picaram-lhe o corpo. Por isto uma de suas pernas inflamou, inchando. Glória queixa-se da lama que desce com as chuvas e se mistura com a água suja do mangue, que, nestas ocasiões, sobe até meio metro. A maioria dos barracos tem de ser desmanchados e refeitos uma vez por ano, em função de seus aprofundamentos mangue a dentro, causados pela falta de resistência do solo.

Iraíde, de 29 anos, mora, com seus cinco filhos e o companheiro, no interior de um cômodo de 4 metros quadrado. Procedente do Ceará, a família não tem o seguro do INPS, devido à condição de desemprego do casal. Um fogão e uma cama são os móveis do cômodo. Ali, o garoto Expedito, de oito anos, sempre chega ferido com os tropeções que leva por causa da miopia, que nunca foi medicada. Ontem, aquela família alimentou-se de feijão e arroz: — O pai das crianças resolveu deixar,

na semana passada, Cr\$ 200,00 para comprar comida, disse Iraíde, depois de informar que passa fome enquanto o marido gasta todo o dinheiro no jogo.

— Hoje eu e meus dois filhos só comemos leite com pão, porque eu não estava a fim de fazer almoço, afirmou Dalmira Pereira, confessando em seguida: — Também não tinha nada para comer mesmo. Com essa falta de dinheiro, ninguém aguenta, observou ela. Dalmira disse ainda que vive sem homem e não pode trabalhar por causa das crianças: — Olha bem, esse menino aqui — Welinton, de seis anos — não me dá sossego. Tive de dar várias coças de chicote nele, para ele parar de pegar xexéu. O "xexéu" a que se refere Dalmira é uma espécie de caranguejo que dá no mangue, onde o menino se banhava junto com os outros garotos de Cobi de Baixo.

No mangue, podem ser vistos pedaços de madeira flutuando. Submersos estão pedaços de

vidros, latas e todo lixo que desce com a chuva. O barulho de crianças brincando só é ouvido durante as chuvas. Nestas ocasiões, as crianças se divertem caminhando no sentido contrário às lamas que descem em correntes, depois de transbordar a Avenida Brasil, às margens de Cobi de Baixo.

A moradora Glória Manffessoni informou que o maior fluxo da invasão de Cobi de Baixo verificou-se quando o Governo anunciou que a área iria ser desapropriada para as obras da segunda ponte. De acordo com ela, naquela oportunidade muita gente foi morar em Cobi de Baixo para ganhar a indenização: — Só de Itaguaçu vieram três famílias, que sonhavam com as casas que seriam doadas a quem estivesse habitando nos locais onde iriam passar os acessos da segunda ponte.

Glória falou também que alguns moradores ainda mantém a expectativa da desapropriação, só para serem benefi-

ciados com as anunciadas casas. Como um complexo de barracos dispostos em cima de uma plataforma de madeira velha, o bairro tem seus habitantes convivendo, promiscuamente. Entretanto, eles se conhecem há pouco tempo, uma vez que são procedentes de reigões diferentes, na maioria das vezes. E é essa ausência de uma identidade cultural que dificulta a organização para reivindicação comum, apesar de partilharem dos mesmos problemas, fundamentalmente.

Na chegada da reportagem, alguém gritou: — Deixa a gente com as nossas misérias. Não coloquem nada no jornal porque senão eles tiram a gente daqui e nós não temos para onde ir e, também, tá tudo muito bom por aqui. A voz foi interrompida por um outro grito: desta vez, era uma criança que havia escorregado no pontilhão que interliga os barracos, quase todos com energia elétrica e pequenos reservatórios de água.

Embaixo desta passarela, que funciona como rua, está o mangue, que recebe todos os detritos de Cobi de Cima e Cobi de Baixo

Diferentes famílias convivem, promiscuamente, num mesmo barraco, cujos cômodos são alugados por Cr\$ 250,00 cada.

